

CHASQUI

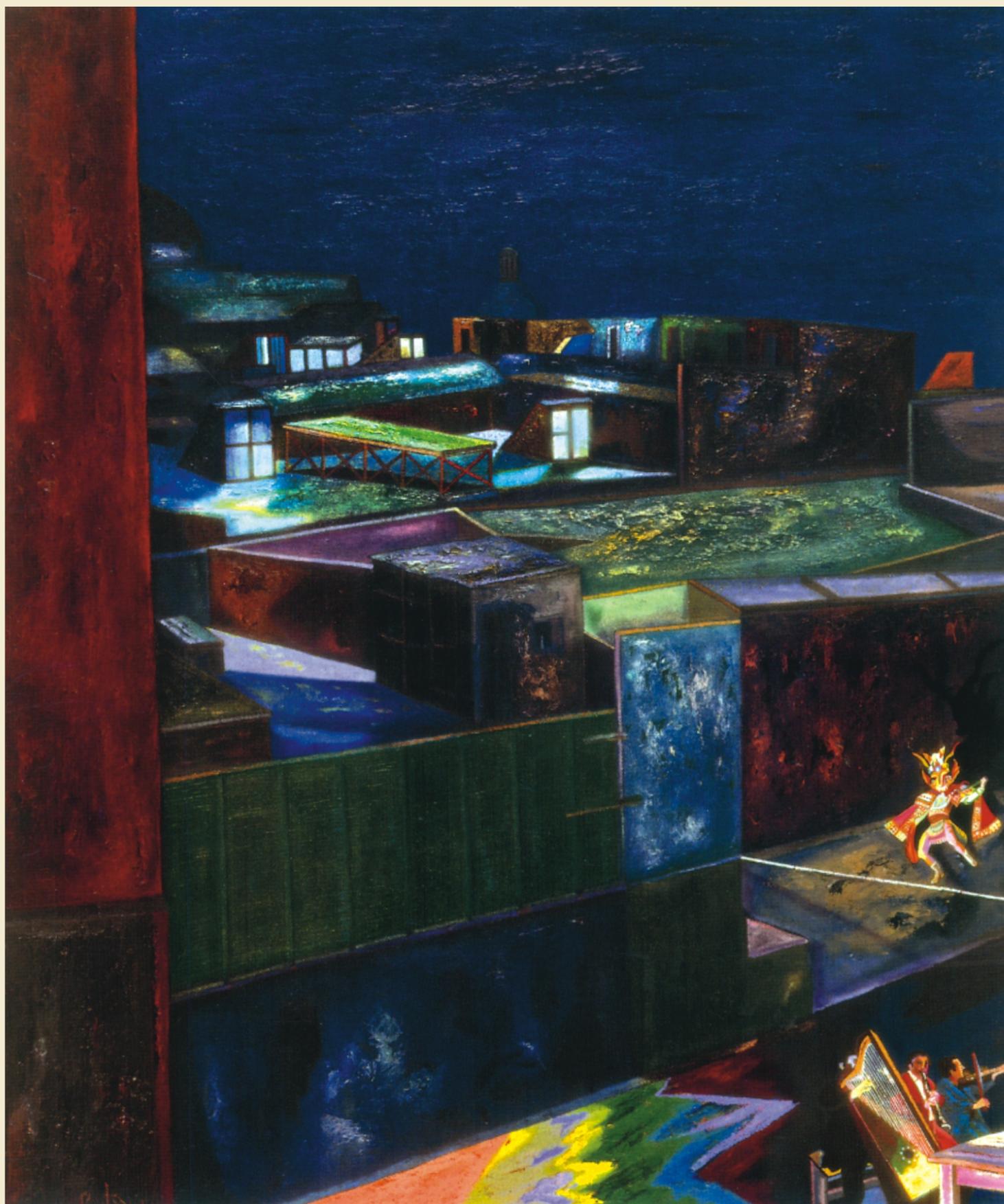


O CORREIO DO PERU

Ano 3, número 6

Boletim Cultural do Ministério de Relações Exteriores

Fevereiro de 2005



Enrique Polanco. Dançarinos com mísicos. 2002. Óleo sobre tela. 120 x 100 cm.

PROJETOS INTEGRACIONISTAS DE BOLÍVAR / E. A. WESTPHALEN
RIBEYRO, UMA NOVA MIRADA / AS CATEDRAIS DE PUNO

SIMÓN BOLÍVAR: UMA MIRADA A SEUS PROJETOS INTEGRACIONISTAS

Scarlett O'Phelan*

A recente celebração do 180 aniversário da Vitória de Ayacucho e da convocatória ao Congresso Anfictiônico do Panamá convida a revisar as propostas integracionistas do libertador. Os sonhos de unificação da região continuam vigentes e adquirem decisivo impulso com o histórico nascimento da Comunidade Sul-Americana das Nações.

Simón Bolívar nasceu em Caracas no dia 24 de Julho de 1783, num período entre guerras. Acabava de terminar a guerra da independência das colônias inglesas da América do Norte e se aproximava a conflagração da Revolução Francesa. Dali por diante as revoluções marcariam de alguma forma, o rumo de sua vida.

Ficando viúvo cedo, Bolívar se dedicou, a partir de 1804, a percorrer a Europa com seu antigo mestre, Simón Rodríguez. De fato, ambos estiveram em Paris durante a coroação de Napoleão Bonaparte. Durante seu periplo europeu, o jovem Bolívar seria rapidamente conquistado pela corrente independentista que emanava da Inglaterra a favor da libertação das colônias da América espanhola, provavelmente como resposta ao apoio que Espanha tinha dado abertamente à luta das colônias da América do Norte para se libertarem do jugo inglês. A emancipação da Hispano-América se converteu então num dos objetivos primordiais de Bolívar, e para consegui-lo não só se limitou a promover a luta armada, mas elaborou um projeto político de nações unificadas conhecido como a Grande Colômbia.

O PROJETO DA GRANDE COLÔMBIA

A idéia de grandes blocos políticos formados a partir dos nascentes Estados da Hispano-América é analisada por alguns ideólogos da Independência, como Francisco de Miranda. Segundo Miranda, em 1808 –em plena invasão napoleônica à Península Ibérica e durante a formação das juntas de governo que governariam em nome de Fernando VII– era recomendável estabelecer quatro governos separados na América: 1) México e Guatemala; 2) Santa Fé, Caracas e Quito 3) Peru e Chile e 4) Buenos Aires e Tucuman. Não são claros os critérios utilizados para estruturar esses blocos, mas é preciso admitir que se bem existiam pontos de encontro entre Santa Fé e Caracas, um Estado andino como Quito pouco tinha a ver em termos geográficos, lingüísticos e étnicos com os outros dois.

Bolívar resgataria da colocação de Miranda o segundo bloco constituído



Simón Bolívar. José Gil de Castro (1785-1841)

por Santa Fé, Caracas e Quito para fortalecer a que viria a ser sua proposta de espaço territorial da Grande Colômbia, que como pode se observar coincidiu com o território compreendido do vice-reinado de Nova Granada estabelecido em 1739. Dessa maneira, numa carta enviada ao General Santiago Mariño em 1813, Bolívar dizia «... o dever de formar uma só nação com Nova Granada. Este é agora o voto de venezuelanos e granadinos e, respondendo à solicitação desta união que tanto interessa a ambas regiões, os valentes filhos de Nova Granada vieram para libertar Venezuela». Inclusive, na sua famosa carta de Jamaica, escrita dois anos depois, ratificava a conveniência de um

governo comum para Nova Granada, Venezuela e Quito, articulado num único Estado sob o nome de Colômbia.

Bolívar pensava na formação de um Estado de grande envergadura mas não demasiado extenso que chegasse a ser imanejável. A seu modo de ver o centro (a capital) não poderia estar longe demais das extremidades. Além do mais, era de opinião que se o território da Hispano-América se fragmentava em pequenos Estados, estes seriam vulneráveis e fáceis de ser subjugados pelas potências estrangeiras. Um grande Estado, por outro lado, estaria em condições de impor respeito e desenvolver melhor a capacidade de negociações.

As idéias de Miranda primeiro e depois as de Bolívar, e as opiniões de

venezuelanos, granadinos e quitenhos no congresso de Angostura de 1819 e o de Cúcuta em 1821, foram o mais importante no surgimento do bloco político da Grande Colômbia, com a materialização da união da Venezuela, Nova Granada e Quito e posterior anexação do Panamá em 1821. Este bloco político de países esteve vigente durante onze anos, concretamente entre 1819 até 1830.

Afirmava-se que o Estado gra-colombiano nasceu sobre bases precárias e só conseguiu se manter em funcionamento durante dez anos, devido à férrea vontade de Simón Bolívar. Por isso é que em 1829, um ano antes de que o novo Estado entrasse em colapso, Bolívar escrevia ao general O'Really: « Todos sabemos que Nova Granada e Venezuela existem unicamente ligadas por minha autoridade, a que deve faltar agora ou depois, quando queiram a Providência ou os homens».

Não obstante e a pesar desses temores, o certo é que a Grande Colômbia aparece como o poder político de maior importância na América do Sul nos anos imediatos a Independência. Venezuela aparecia como o território dos grandes latifúndios e da riqueza pecuária; Nova Granada constituía a zona mineira por excelência com fluido movimento industrial e comercial; Quito era a região agro-exportadora de cacau e também dedicada à manufatura têxtil. A soma desses recursos oferecia uma base econômica que, de ser bem administrada, poderia converter a Grande Colômbia numa região de poderosa influência continental.

Mas seriam dois fatores externos –o regionalismo e o divisionismo propiciado pelos caudilhos– os que induziriam ao deterioro e eventual desmembramento da Grande Colômbia. Como tinha planejado Bolívar, era importante que a capital do novo Estado estivesse situada num ponto equidistante do resto de território. Por esse motivo fora escolhida Bogotá, mas com essa decisão, Venezuela onde o projeto tinha se originado, pasava a ocupar um lugar periférico. Para assumir o caráter integracionista do



Assinatura da Capitulação de Ayacucho. Daniel Hernández (1856-1932). Museu do Banco Central de Reserva, Lima.

projeto, Bolívar colocou em Bogotá, centro de decisões, o general colombiano Francisco de Paula Santander como vice-presidente, enquanto ele empreendia sua campanha militar no sul para consolidar a independência da América com a libertação de Vice-reino do Peru. Líderes venezuelanos como o caudilho José Antonio Páez, se ressentiriam profundamente de sua posição subalterna a Santander, a ponto de quase haver em 1826 um enfrentamento entre venezuelanos e granadinos. O projeto da Grande Colômbia estava demonstrando ter sérias fissuras.

O CONGRESSO ANFICTIÔNICO DO PANAMÁ

Durante a campanha de Ayacucho, em 1824, Bolívar tinha permanecido em Lima traçando os planos de um novo projeto integracionista. Tratava-se dessa vez de um sistema de aliança permanente e cooperação mútua entre as nações hispano-americanas. Com esse propósito convocou a um congresso internacional que reunisse as nações recentemente emancipadas. Fixou como ponto de encontro o Istmo de Panamá pela estratégica localização entre as Américas do norte e do sul e pelo antecedente da liga anfiactônica das cidades gregas, que costumavam se reunir no Istmo de Corinto. É preciso lembrar que Bolívar era um ávido leitor de literatura clássica.

A fim de preparar o terreno para esse encontro, Bolívar enviou da Colômbia missões diplomáticas a México, Peru e ao Sul. Continuando essa estratégia política, foram assinados em 1823 tratados de aliança entre Colômbia, México, Peru, Chile e Argentina. Finalmente, no dia 7 de dezembro de 1824 com o apoio do seu

Ministro Geral, o peruano José Faustino Sánchez Carrión, o libertador enviou formalmente convites aos governos do México, América Central, Chile, Peru e Argentina, solicitando-lhes que mandassem seus representantes a um congresso que se reuniria no Panamá a princípios de 1826. Observe-se que entre os países convidados não foram incluídos Brasil, Estados Unidos nem Haiti.

Dessa forma resta a impressão que o projeto integracionista de Bolívar ex-

diretamente ameaças e excessos do general mulato Manuel Piar). Eventualmente e a pedido do vice-presidente Santander –assessorado pelo seu secretário de Relações Exteriores o venezuelano Pedro Gual– os governos dos Estados Unidos e do Brasil foram convidados, mas não o do Haiti.

O Congresso do Panamá iniciou suas sessões somente no dia 22 de Junho de 1826 com delegações do México, América Central, Colômbia e Peru. Por

«Durante a campanha de Ayacucho, em 1824, Bolívar tinha permanecido em Lima traçando planos para um novo projeto integracionista. Dessa vez se tratava de um sistema de aliança permanente e cooperação entre as nações hispano-americanas. Com esse propósito convocou a um congresso internacional que reunisse as nações recentemente emancipadas. Fixou como ponto de encontro o Istmo do Panamá pela sua estratégica localização entre as Américas do norte e do sul, e pelo antecedente da liga anfiactônica das cidades gregas que costumavam se reunir no Istmo de Corinto. Não esqueçamos que Bolívar era um ávido leitor de literatura clássica».

clusivamente incorporava as novas nações de língua espanhola. A exclusão dos Estados Unidos pode também indicar uma certa desconfiança do poderoso vizinho do norte, à que se agregava a rivalidade política e comercial que os norte-americanos mantinham com os britânicos, que eram aliados de Bolívar. Provavelmente o temor do que se chamava então «pardocracia» impediu que o Haiti fosse convidado (vale lembrar que Bolívar tinha sofrido

algum motivo Brasil, Argentina e Chile desistiram de enviar seus representantes. O Brasil certamente estranhou não ter sido convidado logo no começo, mas Argentina e Chile talvez se sentiram mais próximos a San Martín que tinha emancipado ambos países. Estados Unidos mandou dois representantes, mas um deles morreu na viagem e o outro chegou tarde demais. Embora durante as sessões se ensaiaram alguns tratados de aliança e alguns convênios foram formulados, no dia 15 de julho

suspenderam-se as atividades do congresso deixando-se para retomá-las em uma ocasião mais propícia, em Tacubaya –perto da cidade do México– o que jamais aconteceu.

Lamentavelmente, os resultados do Congresso de Panamá foram desanimadores, embora o propósito da convocação seja um reflexo da importância que Bolívar dava a uma agenda integracionista, para que o futuro dos países hispano-americanos recentemente emancipados fosse promissor. No entanto, seu afã por uma política integracionista não esmoreceu diante desses resultados. Então Bolívar já concebera um novo projeto: A Confederação Dos Andes que uniria o território dos países que seu exército tinha libertado de Cumaná a Chuquisaca. Mas essa proposta não chegaria a germinar. O fracasso da Grande Colômbia foi um golpe violento para o libertador, que começou a se questionar se a América emancipada já tinha maturidade suficiente para aceitar um projeto de caráter integracionista. Bolívar morreu pouco depois, no dia 17 de dezembro de 1830. Pouco antes de sua morte tinha feito ainda um último proclama dirigido aos povos da Colômbia pedindo-lhes «trabalhar pelo bem-estar da União».

* Professora associada, Pontifícia Universidade Católica do Peru.

Bibliografia

- José Luis Busaniche. *Bolívar visto por sus contemporáneos*. Fondo da Cultura Económica. México. Terceira Edição, 1995.
David Bushnell. *Simón Bolívar, Hombre de Caracas, proyecto de América*. Editora Biblos. Buenos Aires, 2002.
Josefina Zoraida Vázquez (coordenadora). *El nacimiento de las naciones iberoamericanas*. Fundación Mapfre Tavera. Madrid, 2002.
José Carlos Chiaramonte. *Nación y Estado en Iberoamérica. El lenguaje político en tiempos de las independencias*. Editora Sudamericana. Buenos Aires, 2004.

Ver também:

- Timothy Anna. *La caída del gobierno español en el Perú*. Instituto de Estudios Peruanos. Lima, 2003. 322 pp.
Scarlet O' Pellan Godoy (compiladora) *La Independencia del Perú, de los Borbones a Bolívar*. Instituto Riva Agüero/PUCP. Lima, 2000, 353 pp.
Cristóbal Aljovín de Losada. *Caudillos y Constituciones. Perú: 1821-1845*. FCE/Instituto Riva Agüero/PUCP Lima, 2000. 354 pp.
Gustavo Montoya. *La Independencia del Perú y el fantasma de la revolución*. Colección Mímina. IEP/IFEA, Lima, 2002. 198 pp.





EMILIO ADOLFO WESTPHALEN / POESÍA

HE DEJADO DESCANSAR

He dejado descansar tristemente mi cabeza
En esta sombra que cae del ruido de tus
pasos
Vuelta a la otra margen
Grandiosa como la noche para negarte
He dejado mis albas y los árboles arraigados
en mi garganta
He dejado hasta la estrella que corría entre
mis huesos
He abandonado mi cuerpo
Como el naufragio abandona las barcas
O como la memoria al bajar las mareas
Algunos ojos extraños sobre las playas
He abandonado mi cuerpo
Como un guante para dejar la mano libre
Si hay que estrechar la gozosa pulpa de una
estrella
No me oyes más leve que las hojas
Porque me he librado de todas las ramas
Y ni el aire me encadena
Ni las aguas pueden contra mi sino
No me oyes venir más fuerte que la noche
Y las puertas que no resisten a mi soplo
Y las ciudades que callan para que no
las aperciba
Y el bosque que se abre como una mañana
Que quiere estrechar al mundo entre sus
brazos
Bella ave que has de caer en el paraíso
Ya los telones han caído sobre tu huida
Ya mis brazos han cerrado las murallas
Y las ramas inclinado para pedirte el paso
Corza frágil teme la tierra
Teme el ruido de tus pasos sobre mi pecho
Ya los cercos están enlazados
Ya tu frente ha de caer bajo el peso de mi
ansia
Ya tus ojos han de cerrarse sobre los míos
Y tu dulzura brotarte como cuernos nuevos
Y tu bondad extenderse como la sombra
que me rodea
Mi cabeza he dejado rodar
Mi corazón he dejado caer
Ya nada me queda para estar más seguro de
alcanzarte
Porque llevas prisa y tiemblas como la noche
La otra margen acaso no he de alcanzar
Ya no tengo manos que se cojan
De lo que está acordado para el
perecimiento
Ni pies que pesen sobre tanto olvido
De huesos muertos y flores muertas
La otra margen acaso no he de alcanzar
Si ya hemos leído la última hoja
Y la música ha empezado a trenzar la luz en
que has de caer
Y los ríos no te cierran el camino
Y las flores te llaman con mi voz
Rosa grande ya es hora de detenerte
El estío suena como un deshielo por los
corazones
Y las alboradas tiemblan como los árboles
al despertarse
Las salidas están guardadas
Rosa grande ¿no has de caer?

DEIXEI DESCANSAR...

Deixei descansar tristemente minha cabeça
Nesta sombra que cai do ruído de teus
passos
Volta à outra margem
Grandiosa como a noite para te negar
Deixei minhas alvoradas e as árvores
arraigadas em minha garganta
Deixei até a estrela que corria entre meus
ossos
Abandonei meu corpo
Como o naufrágio abandona os barcos
Ou como a memória ao descer as marés
Alguns olhos estranhos sobre as praias
Abandonei meu corpo
Como uma luva para deixar a mão livre
Se há que apertar a gozosa polpa de uma
estrela
Não me ouves mais leve do que as folhas
Porque me librei de todos os galhos
E nem o ar me acorrenta
Nem as águas podem contra minha sina
Não me ouves chegar mais forte do que a
noite
E as portas não resistem a meu soplo
E as cidades que calam para que não as
perceba
E o bosque que se abre como uma manha
Que quer apertar o mundo entre seus
braços
Bela ave que hás de cair no paraíso
Já as cortinas caíram sobre tua fuga
Já meus braços fecharam as muralhas
E os galhos inclinaram para impedir teu
passo
Corça frágil teme a terra
Teme o ruído de teus passos sobre meu
peito
Já os cercos estão entrelaçados
Já a tua frente há de cair sob o peso de
minha ânsia
Já teus olhos hão de se fechar sobre os
meus
E tua doçura brotar em ti como cornos
novos
E tua bondade se estender como a sombra
que me rodeia
Minha cabeça deixei rolar
Meu coração deixei cair
Já nada me resta para estar mais seguro de
te alcançar
Porque tens pressa e tremes como a noite
A outra margem talvez não hei de alcançar
Já não tenho mãos que se agarrem
Do que está combinado para o perecimento
Nem pés que pesem sobre tanto
esquecimento
De ossos mortos e flores mortas
A outra margem talvez não hei de alcançar
Se já lemos a última página
E a música começou a trançar a luz na que
hás de cair
E os rios não te fecham o caminho
E as flores te chamam com minha voz
Rosa grande já é hora de te deter
O estio soa como um degelo pelos corações
E as alvoradas tremem como as árvores ao
se despertarem
As saídas estão guardadas
Rosa grande não hás de cair?

E.A. Westphalen (Lima, 1911-2001) é considerado um dos mais importantes poetas da América Latina. Foi também um notável promotor cultural e diretor das memoráveis revistas *Las Moradas* e *Amaru*. Este poema pertence a seu livro *Abolición de la muerte* (1935).

SOBRE A POESIA

Palavras medulares de E. A. Westphalen recopiladas em imprescindível publicação*

«Não é um segredo que o acesso a Poesia não é um acontecimento comum ou obrigatório na vida diária. Muita gente (temo que a maioria) vive ditosa, medíocre ou angustiosamente sua vida sem ter a menor suspeita de que circulam –quase clandestinamente– uns estranhos objetos construídos com palavras –os quais (algumas vezes) dão um som doce ou amargo que nos confundem e transportam à outra esfera da existência– geralmente exaltada e quase sempre intraduzível a outros termos da linguagem ou atividades diversas de nosso espírito.

Como se chega a esse estado que poderíamos qualificar de ternamente delirante?. Não foi nunca (a meu entender) esclarecido o fenômeno da iniciação poética. Intuo que são inumeráveis e variadas as vias que conduzem –por extraviados e imprevistos caminhos– ao primeiro contato– à revelação primordial. O certo é que quem abriu os olhos e os ouvidos à percepção de um canto de ninfa ou sereia dificilmente poderá se desprender da nostalgia de se sentir novamente cativado por ela.

Não sei se a incautos ou videntes –a poesia transformou a vida. Rendemo-nos a ela –indefesos– ainda que poucas vezes não nos chegue mais que um sinal enganoso de uma voz talvez ouvida ou –mais provavelmente– timidamente pressentida. Não possuímos o sistema ou ritual –penoso ou inspirado– que nos assegure a invocação– que faça a Poesia responder a um chamado desgarrador ou cauteloso. Mesmo que por acaso acuda –nunca saberemos se nos concede a imerecida dádiva– o dom tão prontamente outorgado quanto abolido.

Do anteriormente manifestado poderia obscuramente se deduzir que a Poesia não é incerta –variável– mais igualmente enganosa a maioria das vezes decepcionante.

Outra conseqüência é admitir de que não existem sistemas estabelecidos e seguros de aproximação – que são quiméricos os esforços por traçar regras e inventar métodos de captação. Um êxito –inesperado e nunca exento de dúvida– não assegura a possibilidade da repetição. O poeta deve se oferecer à poesia tão despojado de todo preconceito o arte retórico como a primeira vez que teve a rara felicidade de acreditar que estava dirigida a ele uma voz atraente e desilusionante. O poeta se desenganará –irremediavelmente se pretende usar armadilhas ou artifícios– ingênuos ou sábios que lhe assegurem o outorgamento da graça.

Podem me contradizer que diariamente são incontáveis os poemas propostos –que a pesar do recato da Poesia nos encontramos oprimidos incansavelmente por pretendidas, falsas e discordantes novidades– ou (ainda pior) por repetições deformadas de alguns sucessos aparentes que autoconsagrados especialistas nos comunicam com normas fixas e intangíveis.

Em verdade –para nos valeremos de uma comparação vulgar– as pedras que chamamos preciosas adquirem essa qualidade pela sua raridade ou extravagância e tal qualidade é – mais ou menos – aceita e reconhecível. A apreciação dos poemas –pelo contrário– varia sempre de acordo às épocas –às circunstâncias da vida em que os ouvimos– ao temperamento e à sensibilidade das pessoas. Não persistem – como conseqüência– o grau de apreciação nem a segurança do arroubo e do encantamento.

Surpreenderá –uma vez admitida certa veracidade nos aspectos assinalados do fenômeno poético– que enquanto nós sejamos fiéis devotos da implacável divindade –ela toda atração e miragem– e que a pesar de suas contínuas desfeitas não cause nem defraude os que lhes rendemos culto e devotamente nos submetemos.

Seus encantos são tão mais apreciados quanto menos acessíveis. O poema – como a beleza– é quase invariavelmente o inesperado –que nunca suspeitamos existir– a dádiva derramada sobre quem menos se esforçou em recebe-la.

Ainda mais inquietante e desconcertante é descobrir casos excepcionais – ver que a Poesia –obedecendo a seu capricho e arbítrio se afeiçoa a certas vozes e convence dessa forma que sejam ouvidos nessa terra sons mais próprios de Orfeu – ou de seres celestiais ou sedutoramente demoníacos.

Em todas as épocas foram parcas as manifestações de euforia da Deusa Poesia. Não obstante –um venturoso acaso determinou que este ano comemoremos os aniversários de dois dos mais altos, inegáveis protegidos e agraciados seus: o santo de Yepes e o jovem rebelde que só pisou a terra com sandálias de fogo e tempestade. San Juan escreveu sua meia dúzia de imortais canções há mais de quatro séculos. Quando Rimbaud morreu em Marselha –há quase um século– fazia cerca de vinte anos que tinha arrancado seu manto real de poeta e de vidente. Mesmo assim o que a poesia disse através de tais intermediários continua mais vivo e atuante do que a maior parte do que se fez neste século. Essa é água ainda fresca que –nos mobiliza– nos revigora– nos perturba. Ainda não se desfez o ouro em que foram engastadas as preciosas pedras espirituais que eles recolheram e escolheram.

Não me atrevo a priorizar minha discussão frente a tão egrégios representantes da inspiração –humana e divina. É pouco o que tenho que agregar (e mais que discutível) para situar dentro da nossa sensibilidade aos que a glória literária ou qualquer outra foi indiferente e para os que na «revelação» se encerrava tudo o transmissível da desimportância e da transcendência humanas.»

(Discurso inaugural lido na Universidade de Salamanca, por motivo da Semana de Poesia Iberoamericana, 1991). ●

Emilio Adolfo Westphalen. *Poesía completa y Ensayos escogidos*. Edição a cargo de Marco Martos. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica. Lima, 2004. 719 pp.

JULIO RAMÓN RIBEYRO

O DESENCANTO QUE DENUNCIA

Victor Vich*

Aproximação à escritura do grande contista peruano (Lima 1929-1994) por motivo de uma nova edição de sua obra** pela que recebeu o Prêmio Juan Rulfo no mesmo ano de seu falecimento.

Em constante preocupação, a crítica literária peruana destacou um antagonismo radical entre os escritores regionalistas de princípios do século XX e os que a meados da década dos cinquenta, começaram a contar novas histórias e representar personagens no interior de um ambiente urbano supostamente mais «universal» e «cosmopolita», digamos que, do interesse narrativo que a opção indigenista tinha desenvolvido, na tentativa de construir um sujeito nacional –o índio– capaz de simbolizar uma nova –e certamente desafiante– dimensão da sociedade peruana, os escritores dos cinquenta, os que habitualmente são considerados representantes de um momento de ruptura (estética, ideológica) que não só se limitou a propor verdadeiras inovações formais –refiro-me a *novas formas de narrar*– mas tentou construir uma nova visão que testemunhasse a complexa heterogeneidade que começava a aparecer na sociedade peruana como consequência das mudanças modernizadoras.

Não se trata, no entanto, de entender tal processo literário dentro de paradigmas «evolucionistas» que além de um desvio etnocêntrico, se tornam finalmente evasivos do substrato fundamental que possibilita toda criação cultural: a história. Na verdade, ambas propostas narrativas –o *indigenismo* e a narrativa *dos cinquenta*– obedecem a momentos específicos da história peruana e devem ser entendidos dentro desses condicionamentos. Para Efrain Cristal, por exemplo, a oposição entre ambas correntes é muito relativa porque a narrativa urbana no Peru depende, em grande parte, do devenir histórico do mundo rural –a migração às cidades– e por tanto guarda múltiplas conexões com a outra tradição.

Podemos afirmar que a obra de Julio Ramón Ribeyro, representa muito bem esta problemática histórica e literária. Seus contos, novelas, peças de teatro, ensaios e reflexões pessoais «acusam uma aguda consciência da mudança histórica do Peru» (Higgins) e se dedicam a explorar com singular maestria, a problemática da constituição do sujeito de numa sociedade tão estratificada como a nossa. Trata-se da representação de uma sociedade que se «moderniza sem democratizar» (Ortega) enquanto explora a modificação so-

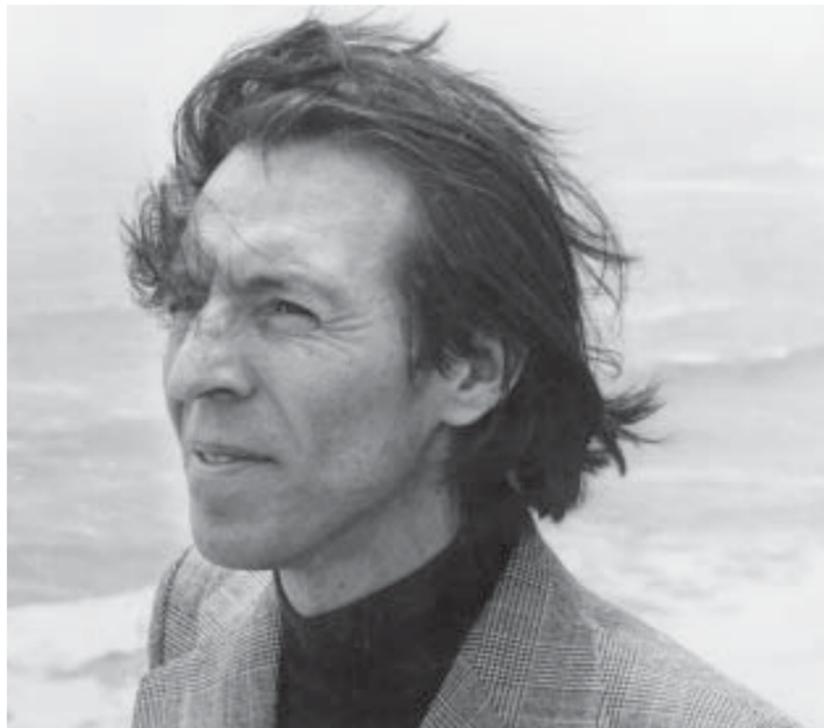


Foto: Arquivo Carretas.

cial mas com a notável singularidade de realizá-lo no interior das práticas resistentes que permanecem dentro da subjetividade. Em outras palavras: além das visíveis transformações que a sociedade peruana experimentou nos últimos cinquenta anos, boa parte do projeto narrativo de Julio Ramón Ribeyro consistiu em não deixar de insistir na representação de «constantes humanas» que continuavam presentes no espaço social e que modelam a socialização dos indivíduos no Peru.

Nesse sentido, a obra de Ribeyro adquire uma inusitada importância pois representa um ponto de ruptura diante de alguns discursos entusiasmados enquadrados na ideologia do «progresso» na modernidade. Seus contos focalizam sempre a dinâmica dos excluídos e assim tratam de reconstruir o lado material muitas vezes não narrado, da modernização social, isto é, o da desigualdade e da violência. Ribeyro afirma que no Peru o processo modernizador só conseguiu causar distanciamento social e se impor superficialmente. Por isso na sua obra toda, em algum sentido, o exercício do poder é uma representação constante que se encontra relacionado diretamente com o problema das hierarquizações raciais e as desigualdades econômicas, isto é com a estratificação racial e classista existente no país.

Por tanto devemos afirmar que o objetivo narrativo de Julio Ramón Ribeyro consistiu em observar simultaneamente o coletivo e o individual da sociedade peruana, partindo de um conjunto de histórias dedicadas a mostrar os fatores condicionantes dos sujeitos e assim, os limites de uma verdadeira transformação social. Quase poderíamos dizer que, em Ribeyro, o coletivo está individualizado e o individual parece ser, ao mesmo tempo, uma metáfora maior de problemáticas sociais muito complexas.

Não obstante, há que destacar que sua obra não se esgota na simples representação de seus referentes nacionais, mas implica também um conjunto de perguntas que se encontram encravadas em problemáticas mais universais. Ali seus temas são a alienação do sujeito no interior de uma sociedade cada vez mais impessoal, a domesticação do indivíduo a partir de relações sociais onde a liberdade é um fantasma e a coisificação paulatina dos seres humanos a través de uma vida rotineira que exacerba o sem sentido.

Dentro dessa idéia, já foi dito que a obra de Ribeyro é essencialmente pessimista e que sua visão do mundo enfatiza a impossibilidade de qualquer compreensão absoluta do mundo, estando destinada a constatar a carência de um sentido transcendental que sus-

tente uma posição mais afirmativa da vida. Trata-se de uma afirmação polêmica que acho, em verdade, parcial. Na minha opinião toda a obra de Ribeyro, ocorre no contraste entre a indignada denúncia de condições sociais injustas e a procura ansiosa de respostas a certas indagações filosóficas sobre a possibilidade de interpretar corretamente o mundo. Ou seja, a denúncia está acompanhada por um conjunto de dúvidas metafísicas não do previamente denunciado, mas sim de outras perguntas que acabam por conduzi-lo ao que muito sutilmente, Higgins chamou de «sereno ceticismo».

Do ponto de vista estilístico, a prosa de Ribeyro é muitíssimo austera, a ponto do que alguns críticos a qualificaram como uma «escritura neutra» (Ortega), isto é, uma escritura que tentou apagar suas marcas pessoais de estilo e quis se organizar a partir da construção de uma linguagem simples e bem precisa. Daí também tivesse predileção por gêneros breves e ter sido qualificado, por Elmore de «escritor lateral». Embora Ribeyro tenha escrito três novelas, em diversas oportunidades salientou não estar satisfeito com elas e ter se sentido sempre muito mais confortável com as formas menos canônicas da tradição literária ocidental.

Creio que um autor com as características de Ribeyro nos presta ajuda em dobro. Primeiro nos enfrenta às imagens mais complicadas de nós mesmos e nesse sentido, nos obriga a tomar posição a respeito do país e dos demais. Segundo, frente ao irreparável sentimento de solidão e de derrota que muitas vezes temos na vida, sua obra nos reconcilia com o mundo e também com a literatura, convertendo-a, de novo, num discurso de autêntico sentido, isto é, de profunda comunicação e companhia. ●

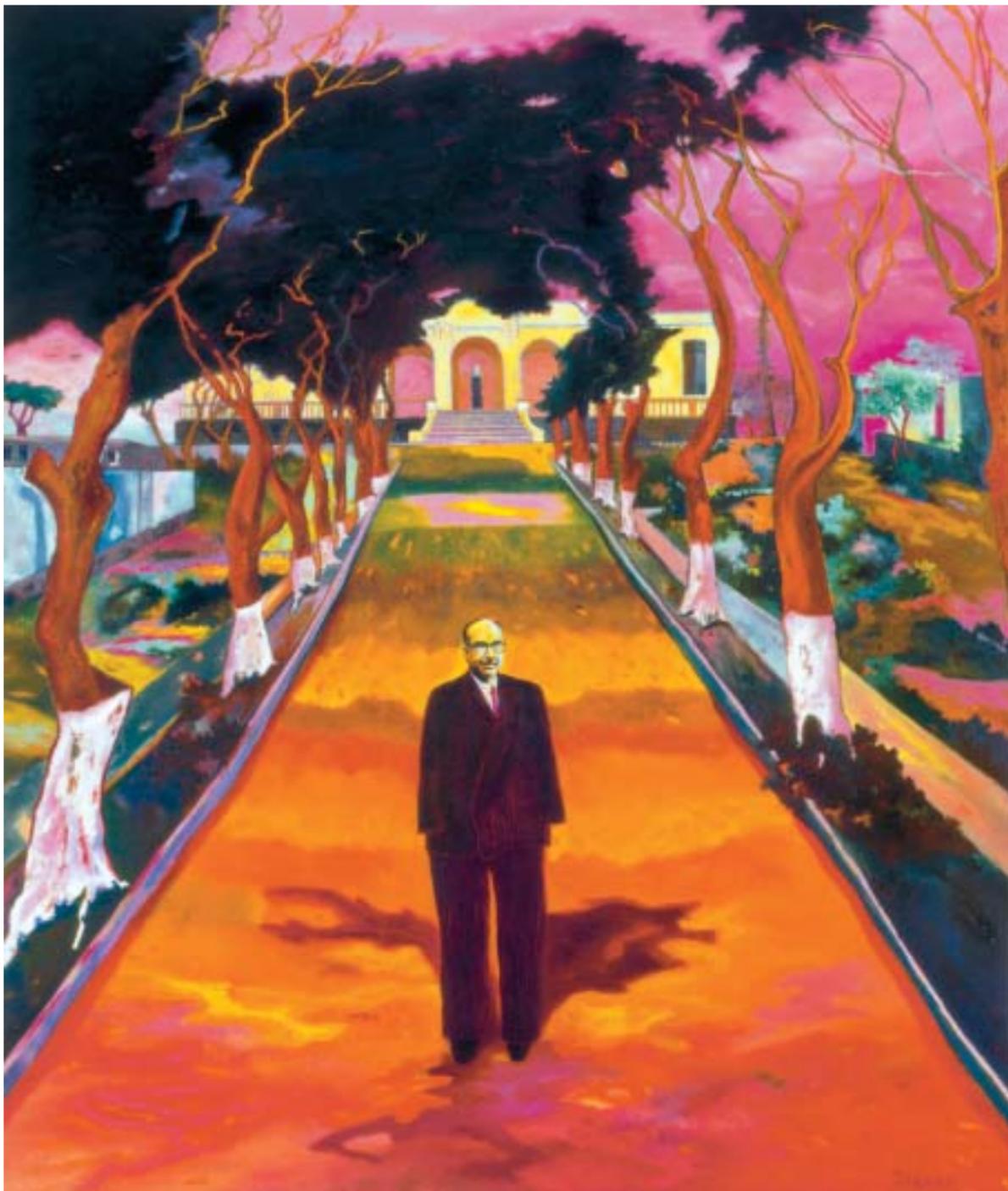
*Pontificia Universidade Católica do Peru/ Instituto de Estudos Peruanos (IEP).

** Julio Ramón Ribeyro, *Cuentos y ensayos*. Edição de Victor Vich. Fondo Editorial PUCP, Lima, 2004. 663 pp.

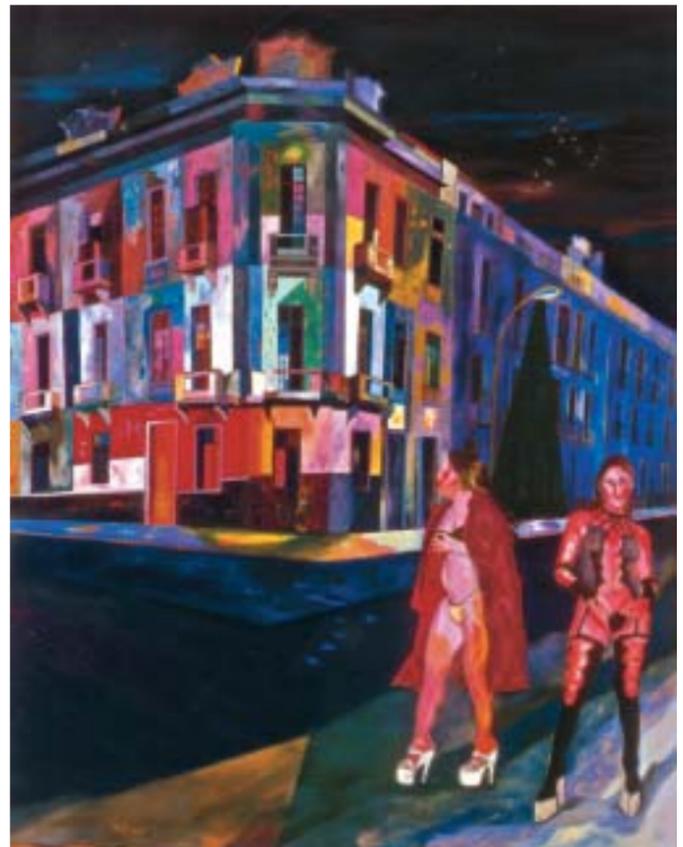
Ver também: J.R. Ribeyro. *Antología personal*. Fondo de Cultura Económica. Lima, 2002 e *La Palabra del Mudo (antología)*. C. Milla Batres. Lima, 2004. 219 pp.

ENRIQUE POLANCO O

Uma ampla amostra retrospectiva de Enrique Polanco, nascido em Lima em 1953, permitiu apreciar cuidadosamente
Nestas páginas dois esclarecedores textos



Martín Adán. 2003–2004. Óleo sobre tela 190 x 150 cm. Coleção particular do artista.



Eros e Tánatos. 2001. Óleo sobre tela, 51 x 70.5 cm. Coleção particular.



Marinheiro em Terra. 2001. Óleo sobre tela. 51 x 70.5 cm. Coleção particular.

LIMA DE MEUS AMORES E DE MEUS ÓDIOS, QUEM CANTARÁ
TUA VISÍVEL FEIÚRA, TUA SECRETA BELEZA!

Julio Ramón Ribeyro

Olho de gato, olho de pássaro, olho de poeta. Olhar infravermelho que descobre, sob a banal realidade, o oculto. O precioso. E não só o descobre mas o resgata e o transfigura.

Assim, Polanco nesses quadros sobre a Lima antiga –Bairros Altos, Rimac– seus recantos, casas e sobretudo os tetos e as açotéias, nos revela o que a rotina nos impedia ver e nos devolve imagens sepultadas na nossa infância. E nos mostra algo mais: o que diferencia uma da outra é a forma como os volumes se distribuem no espaço.

Olho de gato, olho de pássaro: as açotéias. Quem de criança não brincou numa açotéia ou não as observou distraidamente do alto de um edifício, já adulto? Velhas açotéias, cidade que se superpõe à cidade, com suas clarabóias, janelas, teatinas, varandas, cubículos e mirantes, território esquecido, zona fronteira onde a cidade estabelece suas negociações diretas com o cosmo.

Olho de poeta: de nada valeria que Polanco visse o que não vimos ou vimos mal, a não ser porque ao mesmo tempo que o revela também o transfigura. Em que?. No que são seus quadros: algo que existe na realidade mas não é a realidade. Podemos reconhecer esta realidade em cada um de seus elementos, mas convertidos em paisagens de encanto ou aberrantes, graças a uma perspectiva e colorido inventados.

Perspectivas ligeiramente estrábicas ou aberrantes, que modificam as leis da geometria ou da gravidade, mas, sobretudo, pelas cores que tornam o menor componente da paisagem

–muro, janela, balaustrada– pretexto para uma composição cromática de caráter quase musical. E emotiva. Os céus de Polanco, por exemplo: vermelhos, verdes, roxos, céus impossíveis, mas carregados de uma intensidade que nos comove ou nos impressiona.

E todas essas visões urbanas estão marcadas, pelo cunho de uma terrível solidão. Pareceria se tratar de uma cidade abandonada, como certos quadros de De Chirico. Onde estão seus habitantes? Os únicos vestígios de sua presença são as janelas iluminadas. E os únicos signos visíveis que os lembram são o manequim de um alfaiate e a imagem de uma caveira. Símbolos de uma cidade sonhada que cada um interpretará como quiser. (Setembro, 1994).

AS DESLUMBRANTES CORES DE POLANCO

Antonio Cisneros

A partir de sua obra mais difundida, daria a impressão que Enrique Polanco é o pintor de Centro de Lima, no entanto a meu ver e entender, esse notável artista acabou por inventar outra cidade. Uma cidade que se mostra como Lima, é verdade, mas cujos conteúdos reais pertencem à alma do pintor (e a todas nossas almas desoladas). Mestre da cor, poucos como ele manejam a paleta com tão livre arbítrio. E nenhum como ele se joga de cabeça nesse mundo de brilhantes estridências para, artista maior, sair airoso.

O semáforo dá sinal verde. Milhares de bicicletas cortam o ar de outono numa grande avenida de Pequim. Ali está o ciclista Polanco, com seu blusão de algodão acolchoado e

DOU A COR DO OLHAR

e o trabalho realizado por esse artista notável nos últimos 25 anos. Lima, é claro, é parte essencial das visões do artista. sobre Polanco, do catálogo da exposição*.



Auto-retrato no Callao. 2003-2004. Óleo sobre tela e collage. 150 x 200 cm. Coleção do artista.

um gorro, rumo à Escola de Belas Artes para onde foi como becário do governo chinês em 1984. Morou três anos na China, celebrou os ritmos do dragão e o enigma da vida cotidiana

Se há algo que grita na obra de Polanco é o silêncio. Um mirador de estirpe colonial, uma ruína do antigo centro de Lima, as açoteias com suas teatinas, cinemas desolados, vitrines iluminadas com algum discreto resplendor, os caminhos litorâneos que bordejam o mar. Tudo é silêncio. Não há vento nem animal, nenhum ser humano que seja testemunha do som, o ar estático se instala, imóvel, entre os céus vermelhos ou amarelos. Mais ainda, o pintor guarda para si (em termos artísticos é claro) um bar, uma discoteca, e uma espécie de parque de diversões. Temas que, de certa forma, poderiam ser um chamado à algaravia, Impossível. O bar está fechado (sabe Deus desde quando), a discoteca também, o parque de diversões é só o trem Fantasma detido para sempre e solitário.

Enrique Polanco é antes de mais nada, um pintor do universo urbano. E na metade do caminho, entre a mordacidade e a compaixão, também é dono de uma galeria de grotescos retratos cidadãos com rainhas de beleza sem encanto, travestis e reles casamentos. Além do mais, tal vez inevitavelmente, oferece alguns papéis e telas que se nutrem de temas, mais que de formas, que nos relembram os três anos de sua permanência na China.

A cidade de Polanco poderia ser tida, a simples vista, pela cidade de Lima, mas acho que ao mesmo tempo, e mais que tudo, é um arquétipo metafísico. Um arquétipo da desolação. Os temas são, aparentemente, os decrépitos bairros da velha Lima. No entanto, toda essa arquitetura foi edificada em algum lugar da alma, impossível de se fixar no tempo ou no espaço. A cidade de Polanco está vacia. É, de algum jeito, um cenário belo e terrível onde dá liberdade aos arcanos.

Ninguém gostaria de estar entre aqueles becos e tristes praças. Estão vazios o trono da modesta rainha de beleza, um cetro e a coroa de papel platinado. Vazias as lojas entreabertas sob as sombras da noite. Os únicos personagens são alguns manequins, uma fantasia de esqueleto, um santo, instalados nas vitrines baratas, na via pública ou cristaleiras opacas de um museu. É o reino impressionante dos mistérios.

O tempo pulverizou, de algum modo, todos aqueles rostos do que, freqüentemente, costumamos chamar de vida. Não o tempo cronológico que nos engole dia após dia. Aqui se trata de um tempo anterior que jamais começou e nunca terminará. E no entanto, o pintor devolve à cidade (a cidade inventada) uma existência (de certo uma existência metafísica) ocupada pelo silêncio e pela dor.

Sem abandonar esses silêncios espaciais e a constante desolação, nas suas últimas exposições, Polanco introduziu em seus quadros, mesmo que de modo tangencial, alguns personagens que eu me atrevo a chamar de literários. Os artistas Víctor Humareda e Van Gogh, o poeta Martín Adán, os novelistas Malcom Lowry e Juan Rulfo, ou em evidente referência pictórica, um fragmento de *La nave de los locos*. Mesmo assim, apesar de este evidente desfile de personagens (como já disse, tangencialmente) não há saltos ou mudanças bruscas em sua obra. Tudo continua sendo um pretexto para a perpetua busca cromática. O esplendoroso reino da cor. ●

* Polanco. *Amostra antológica 1980-2004*. Instituto Cultural Peruano Norteamericano-Banco Sudamericano. Lima, 2004. 106 pp. www.ipcna.pe A exposição se realizou no final do ano passado na Galeria Germán Kruger Espantoso do IPNA, em Miraflores, Lima.

O VALOR DA QUÍNUA

O alto valor alimentício desse grão dos Andes desperta o interesse não só dos pesquisadores mas também a imaginação dos chefs e promotores da denominada «cozinha novo-andina».

CHENOPODIUM QUINOA
Fernando Cabieses

Segundo os botânicos, a família das Squenopodiáceas se caracteriza por ter as folhas em forma de pata de ganso e inclui uma série de espécies apreciadas pelos cozinheiros: a beterraba, a acelga, o espinafre, o paico, etc. Entre elas aparecem os grãos alimentícios de história muito antiga do Peru: a quínuia ou quinoa (*chenopodium quinoa*) e a canihua (*c. pallidicaule*).

Junto com o milho e a batata, a quínuia constituiu a base da alimentação vegetal dos peruanos pré-hispânicos. É um cereal típico dos Andes, chamado *hupa* na língua aimara, e existem diversas variedades que recebem nomes específicos na língua quechua. É diferenciada pela cor, o tempo de amadurecimento e zona geográfica que a produz.

De acordo com os biopaleontólogos, a quínuia é originária do lago Titicaca. De fato os arqueólogos identificaram o grão em tumbas peruanas de mais de dois mil anos. Maiores pesquisas indicam que os incas promoveram seu cultivo desde o norte da Colômbia até o sul do Chile, de tal maneira que, quando Pizarro chegou, a quínuia se cultivava na Cordilheira dos Andes inteira.

A quínuia é um grão de alto poder nutritivo e excelente rendimento agrícola. Está muito arraigado na civilização andina e seu cultivo substitui ou se intercala com o milho acima dos 3000 m de altitude.

Do ponto de vista de nutrição humana, a quínuia contém uma apreciável quantidade de «aminoácidos limitantes». Observemos que a isso se deve agregar a quantidade total de proteínas que ultrapassa de longe qualquer outro cereal, com valores superiores até de 20%.

Com a quínuia podem ser preparadas, sopas, guisados, tamales, pães, biscoitos, molhos, massas, bebidas, guloseimas, etc. Existem grandes e bem informados livros de culinária que dão conselhos e receitas para o uso eficaz e prazenteiro desse nobre alimento.

Além de seus grãos, a quínuia proporciona folhas comestíveis que, sendo tenras, podem ser consumidas cruas ou cozidas, em saladas e ensopados. À diferença da acelga ou do espinafre, seus primos, a quínuia tem baixo conteúdo de ácido oxálico e nitratos, sendo de consumo mais saudável e seguro.

A casca dos grãos da quínuia tem alguns compostos químicos chamados saponinas que dão um sabor amargo ao paladar, é por isso que precisam ser tratados depois da colheita e antes de preparados como alimento humano. Logicamente os engenheiros genéticos experimentaram com relativo êxito obter variedades de quínuia não amargas, mas, acontece que a quínuia preci-



Campos de quínuia.



Detalhe da planta.

O Banquete dos Deuses

Hans Horkheimer

É chamada às vezes, metafóricamente, de «arroz peruano», Seus grãos, parecidos aos do milho, hoje em dia são freqüentemente usados como forragem, embora tenham desempenhado antes e depois da conquista, um importante papel na alimentação dos aborígenes das altas regiões dos Andes. A quínuia e a canihua, sendo da mesma família são utilizadas com freqüência como plantas substitutas nos cultivos de rotação; Cook considera ambas plantas como erva daninha primitiva. Nas altas planícies do sul dos Andes foram cultivadas para substituir o milho que não chegava a amadurecer devido às duras condições climáticas.

Por causa da relativa facilidade de seu cultivo, resistência ao frio e alto valor alimentício, a quínuia despertou a atenção dos círculos nacionais e estrangeiros do ramo bromatológico. A FAO está tentando introduzir o cultivo dessa planta andina em outros países e recomenda a farinha da quínuia como alimento valioso na nutrição infantil.

Sementes da quínuia foram encontradas principalmente ao sul da atual fronteira, entre Peru e Chile. Isso prova que, ali pelo menos, a utilização da quínuia era conhecida também na região costeira. Outras provas da antiguidade do cultivo de quínuia se encontram nas obras de alguns cronistas e nas reproduções dos huacos (cerâmicas). Os nativos usavam as cinzas da quínuia para preparar um ingrediente (*llipta*) que facilitava o aproveitamento da folha de coca e empregavam os grãos para preparar a «chicha» de quínuia. L. Soria Lenz cita uma lenda aimara que conta ter a raposa roubado a quínuia dos deuses, durante um banquete. ●

Hans Horkheimer. *Alimentación y obtención de alimentos en el Perú prehispánico*. Instituto Nacional de Cultura. 2^{da}. Edição. Lima, 2004. 228 pp.

sa ter saponinas que a protejam de insetos e pássaros que, como as donas de casa, não gostam de quínuia amarga. Mas é preciso tomar algumas simples providências, domésticas ou industriais, para que, eliminadas as amargas saponinas tenhamos um excelente e nutritivo produto alimentar.

Também deve ser evitada a armazenagem prolongada da quínuia sem tratar porque, além das saponinas, os grãos contem certa quantidade de gordura com componentes químicos pouco estáveis, que facilmente podem ficar com cheiro desagradável. Também pode germinar com facilidade, mesmo sob condições adversas o que diminui sua qualidade.

Apesar de ser um excelente alimento humano é também para animais domésticos, a quínuia foi suplantada pelo trigo e pelo arroz durante a conquista, o que se agravou durante a primeira metade do século XX. Houve vários motivos para isso e vale a pena citar alguns, é claro: era visto como «alimento de índios», presente em certos ritos religiosos proibidos, a necessidade dos cuidados para tirar-lhe o amargor e ainda algumas superstições entre as que se dizia poder provocar parasitismo nos homens e animais. Esse equívoco se baseia em que a triquinose e a cisticercose produzem lesões nos músculos semelhantes aos grãos da quínuia quando hidratados. Eduardo Estrela diz que no Equador os camponeses chamam de «quínuia» à cisticercose porcina.

Depois da conquista a quínuia chegou a ser foco de interesse para os botânicos que tentaram estudar seu cultivo. Garcilazo fala das primeiras tentativas (frustradas, claro) de introduzir a quínuia na Europa. Nada mais foi mencionado até os anos da Primeira Guerra Mundial, quando na Tchecoslováquia e no Cantão de São Gall, na Suíça, obteve-se cultivos exitosos. Mas novamente, depois do interesse veio o esquecimento.

Mas, apesar de tudo, recentes estudos e o entusiasmo de grandes líderes como Plutarco Naranjo, no Equador, deram fama à quínuia como alimento e lhe auguram um brilhante futuro comercial. Nos Estados Unidos já é encontrada, não só em lojas de produtos naturais mas também em supermercados e restaurantes. Mas é ainda desconhecida na Europa, Austrália e Japão.

Note-se que como acontece com a batata amarela e o milho roxo, o êxito do cultivo da quínuia depende muito das horas-sol e fica mais difícil produzi-la fora dos Andes. ●

Fernando Cabieses. *Cien siglos de pan*. Escuela Profesional de Turismo y Hotelería San Martín de Porres. Lima, 1996. 2^{da}. edição. 258 pp.

DESCRIÇÃO E CULTIVO DA QUÍNUA

Ricardo Rivera Romero

A quínuia é uma planta herbácea de ciclo anual, pertencente à família das quenopodiáceas. Seu tamanho varia de 1 a 3,5 metros de acordo às diferentes variedades e ecotipos. É um dos cultivos mais difundidos nos países da área andina, como Bolívia, Equador e Peru e vem sendo cada vez mais estudada e investigada. Curiosamente é conhecida somente por esse nome. Não encontramos outras denominações locais ou regionais mais ou menos difundidas.

A planta apresenta um talo erguido e ramos laterais do mesmo tamanho, de ser um ecotipo cultivado nos vales inter-andinos. No planalto andino, pelo contrário, o talo da planta se destaca dos curtos galhos laterais. A forma da folha é muito variada, de beiras leve ou marcadamente dentadas. Sua cor varia de verde claro a escuro que vai ficando amarelo, vermelho ou púrpura de acordo ao grau de amadurecimento. As raízes se expandem de 0,5 a mais de 2 metros.

A quínuia possui uma inflorescência chamada panícula, de forma glomerulada e de aspecto mole e compacto. Pode chegar a medir 0,70 m. O tamanho e a densidade condicionam em grande parte o rendimento da planta. As flores são pequenas e podem ser hermafroditas ou femininas, o que permite uma grande variação sexual segundo os diferentes ecotipos e variedades.

O fruto da quínuia é um aquênio pequeno e apresenta diversas cores. Tem uma capa muito enrugada que se desprende com água quente ou sendo fervida. Nela se armazena uma substância amarga chamada saponina, cujo grau de amargor varia de acordo ao tipo de quínuia. É sabido que no Peru existem 13 variedades desse cereal.

A quínuia se cultiva com o sistema de regadio nos vales inter-andinos—Urubamba no Cusco—e em seco nas partes altas do vale do rio Mantaro e dos vales de Ayacucho e Ancash. Nas altas planícies o cultivo em seco deve suportar as severas condições de baixas temperaturas e ventos fortes. Alguns ecotipos se adaptam bem a esses rigores.

Por possuir grãos muito pequenos, a quínuia necessita solos bem preparados e nivelados com adequada umidade. Nas áreas de cultivo seco é necessário surcar e



Guamán Poma (1615)

semear no mesmo dia para garantir a germinação. Durante o plantio, dependendo da variedade, até 4 kg de semente podem ser semeados por hectárea.

O rendimento médio nas plantações tradicionais é de 800 a 1000 kg/hc. Usando variedades relacionadas o rendimento pode chegar a 2,5 a 3 ton/ha. Destacam-se as variedades «branca» de Junín e «amarela» de Maranganí e Sajama. Os aspectos fitossanitários da planta não apresentam maiores complicações. A quínuia sofre poucos ataques de pragas e enfermidades, especialmente se cultivada associada ao tarwi, às favas ou ao milho.

A colheita é feita arrancando-se as plantas ou segando-as com foices, técnica mais recomendável para evitar que os grãos se encham de terra, o que estragaria o aspecto da colheita. Depois de colhidas é bom que as espigas sejam armazenadas nas eras para que conservem a umidade e facilite a trilha, que pode ser feita «a golpes» ou com trilhadoras estacionárias. A colheita mecanizada proporcionará maior rendimento, cegando até a 500 quilos de grão

trilhado por hora.

A armazenagem da quínuia em grão exige lugares secos e bem ventilados, porque é durante esse tempo que os grãos amadurecem e, de haver umidade, ficarão amarelados.

O alto valor nutritivo da quínuia gera uma boa demanda nos mercados internos e externos. Mas a demanda está condicionada à apresentação. Oferecer a quínuia lavada, perolada ou em escamas assegura maior aceitação, pois facilita sua preparação como alimento. A demanda externa de quínuia tem boa perspectiva e requer produção sustentável, grãos selecionados e boa apresentação. ●

Ricardo Rivera Romero. Cultivos andinos en el Perú. Investigaciones y perspectivas de su desarrollo. CONCYTEC / Proyecto FEAS. Lima, 1995. 417 pp.

RECEITAS

QUINOTTO*

Lavar bem 350 gramas de quínuia várias vezes, até que a água saia clara. Ferver de 7 a 10 minutos para que os grãos fiquem cozidos ao dente. Escorrer e colocar numa forma e levar ao forno para secar. Aquecer numa frigideira grande 5 colheres de óleo de achiote e fritar uma cebola e dois dentes de alho picados, agregar 100 gr de tocinho, 250 gr de cogumelos e apurar o refogado por 2 ou 3 minutos. Agregar então a quínuia cozida com $\frac{3}{4}$ de xícara de vinho branco, $\frac{1}{2}$ xícara de caldo e camarões e 4 colheres de creme de leite. Mexer e deixar cozinhar por mais 5 minutos. Antes de servir temperar com sal e polvilhar queijo parmesão.

O molho leva 2 dúzias de camarões descascados e cozidos, $\frac{3}{4}$ de xícara do coral dos camarões, $\frac{1}{2}$ xícara de creme de leite, manteiga e sal. Para prepará-la se juntam o coral e o creme de leite e ferver ligeiramente. Agregar os camarões levemente fritos em um pouco de manteiga, temperar e colocar sobre o *quinotto* já pronto.

SOPA DE QUÍNUA**

Preparar um refogado com 2 colheres de óleo, 1 cebola picada, 2 dentes de alho amassados, 1 colher de

achiote dissolvido em 2 litros de água, deixar ferver tudo e agregar quínuia bem lavada. Cozinhar por 10 minutos aproximadamente. Agregar 3 batatas descascadas e cortadas em cubos, deixar que cozinhem e adicionar então 100 grs de queijo fresco picado e 1 xícara de leite. Retirar do fogo e só então colocar o sal. Salpicar cheiro verde bem picado e servir.



Foto: Miguel Etcheperure

QUÍNUA COM CARNE DE PORCO**

Preparar um refogado com quatro colheres de óleo, 3 colheres de ají vermelho moído, sem veias nem sementes e 2 colheres de alho amassado. Juntar $\frac{1}{2}$ quilo de carne de porco em pedaços. Agregar 1 quilo de quínuia bem lavada e enxaguada. Agregar água quente aos poucos e ir mexendo para que a quínuia tome um bom ponto. Juntar então 1 xícara de queijo fres-

co ralado ou $\frac{1}{2}$ xícara de queijo parmesão, $\frac{1}{4}$ de quilo de amendoim torrado e moído. Deixar cozinhar mais um pouco até que a quínuia arrebe e fique bem cozida.

Servir com ovos cozidos e picados e algumas rodelas de batatas amarelas cozidas. Enfeitar com salsa picadinha e rodelinhas de ají cozido em escabeche. Também pode se preparar com camarões secos ou chineses, que ficaram de molho de véspera.

QUÍNUA ATAMALADA***

Lavar e esfregar com as mãos 1 quilo de quínuia bem limpa, trocando a água várias vezes para tirar o amargor.

Levar ao fogo e cozinhar junto a 4 batatas amarelas descascadas, tendo o cuidado de ir colocando um bom caldo ou água quente aos poucos para que a quínuia fique bem cozida e solta.

Preparar um refogado com 4 colheres de banha de porco, 2 cebolas grandes finamente picadas, 2 colheradas de alho amassado, 2 colheres de ají moído, sem sementes nem veias. Agregar uma colher de páprica ou achiote para dar cor.

Depois de bem frito, juntar tudo à preparação anterior, colocando $\frac{1}{4}$ de quilo de amendoim torrado e moído. Por o sal e servir, se desejar, com

acompanhamento de torresmos ou um pedaço de filé de porco assado e um ovo frito. Pode levar um pouco de arroz bem soltinho.

MANÁ DE QUÍNUA***

Lavar bem $\frac{1}{2}$ quilo de quínuia (em várias águas), escorrer e cozinhar em água limpa. Escorrer de novo e coar com um pouco de leite para que a quínuia passe mais facilmente. Fazer uma calda grossa com um quilo de açúcar e juntar à quínuia, deixando ferver até que tome consistência de mingau, tirar do fogo e agregar 4 gemas batidas, bater para suavizar, colocar num recipiente, salpicar açúcar fino. Pode se enfeitar com drágeas de chocolate colorido ou simplesmente gergelim torrado. ●

* *El arte de la cocina peruana*. Tony Custer, Lima, 2003. 270 pp.

** *Cocina peruana. Recetario básico*. Compilação de receitas: Annik Franco Barraeu. Introdução de Raúl Vargas. Fotos: Mylene d' Auriol e Leoncio Villanueva. Peruguia. Lima, 2004. 66 pp. peruguia@terra.com.pe

*** *El Perú y sus manjares. Un crisol de culturas*. Josie Sison Porras de De la Guerra. Mastergraf. Lima, 1994. 461 pp.

MÁXIME KUCZYNSKI-GODARD

A MEDICINA SOCIAL

O médico Máxime Kuczynski-Godard (Berlim, 1890 - Lima, 1967) chegou ao Peru em 1936 e desenvolveu desde então um valioso trabalho no Instituto de Medicina Social da Universidade de San Marcos e no Ministério da Saúde. Em 1940 foi destacado a Amazônia, onde organizou o leprosário de San Pablo e escreveu importantes estudos sobre a salubridade pública na região, agora reeditados. Também realizou trabalhos de campo nos Andes, reunidos em outro volume de recente publicação.

Temos aqui fragmentos dos estudos introdutórios a ambos livros.

A VIDA NA AMAZÔNIA PERUANA. OBSERVAÇÕES DE UM MÉDICO

Bartholomew Dean*

Anunciando uma antropologia médica comprometida para o século XXI, que se esforça em compreender as condições estruturais que dão origem à pobreza e as patologias do poder, *La vida en la Amazonia peruana* é uma demonstração magistral da interdependência entre a saúde, a patologia social e a economia política. Talvez em lugar nenhum isto é mais evidente do que a contundente análise que o doutor Kuczynski-Godard faz da lepra, enfermidade que ele julga ser uma metáfora da vida coletiva dos pobres habitantes da região amazônica. Do



Máxime Kuczynski-Godard.

mesmo modo sua análise da desnutrição e das doenças infecciosas como a

malária, a tuberculose e a parasitose se baseia numa profunda compreensão das origens sociais da enfermidade e da morbidez humanas.

Seis décadas depois da primeira edição de *La Vida en la Amazonia peruana. Observaciones de un médico*, é preciso evidenciar a escassez e a qualidade dos atuais serviços de saúde da mencionada região, devido a implicações sobre o conjunto de opções de prestação de serviços disponível para os fornecedores, e também devido a que os serviços atuais são fonte de recursos para que as mencionadas opções sejam exitosamente implantadas. Habitualmente formulada em Lima a política de saúde para a Amazônia já foi muitas vezes caracterizada como um foco de triagem para a saúde preventi-

va e acionada a través de campanhas básicas de vacinação e de saúde pública, dirigidas a lutar contra epidemias de cólera, febre amarela e malária. De fato, deveríamos prestar bem atenção ao perspicaz conselho do doutor Máxime Kuczynski-Godard, que reconheceu o valor do pluralismo médico, assim como as vantagens de uma saúde pública sustentada pelo contato direto e contínuo com as comunidades indígenas e mestiças. ●

* Estudios Amazónicos, UNMSM.

Universidade de Kansas

M. Kuczynski-Godard. *La vida en la Amazonia peruana. Observaciones de un médico*. Prólogo de C.E. Paz Soldán. Introdução de Bartholomew Dean. Fondo UNMSM / COFIDE. Segunda edição. Lima, 2004. 237 pp. fondoedit@unmsm.edu.pe.

Não é por coincidência que a Universidade Nacional Maior de São Marcos – que a quase 68 anos teve o acerto de acolher o professor Kuczynski no antigo Instituto de Medicina Social, hoje Departamento de Medicina Preventiva e Saúde Pública – atualmente reedita uma parte importante de sua obra dedicada à descrição médico-social da população andina. A publicação é uma expressão da constante preocupação de seus professores e alunos de estudar a realidade do país em suas múltiplas manifestações. O professor Kuczynski forma parte de um seleto grupo de estudiosos da realidade médico-social peruana, cujos trabalhos devem ser analisados cuidadosamente.

O volume recopila quatro trabalhos interligados: «La Pampa de Ilave y su hinterland», publicado em 1944; «Encuestas Médico-Sociales de Sierra y Montaña», de 1945; «Un Latifundio del Sur: Una contribución al conocimiento del problema social» em 1946 e «La vida bifronte de los campesinos ayacuchanos» de 1947.

Em cada estudo Kuczynski escolhe um grupo humano diferente obedecendo a razões metodológicas e operativas. Podemos dizer que procura encontrar situações que sirvam de modelo para explicar a relação entre saúde e sociedade. Os trabalhos mostram unidade metodológica e temáticas complementárias a partir das quais é possível deduzir a orientação teórica e prática do autor.

As quatro pesquisas se baseiam numa fecunda hipótese de trabalho: a condição social dos grupos humanos condiciona seus problemas de saúde. Mas essa hipótese

OS ANDES PERUANOS

Ilave - Ichupampa - Lauramarca - Iguain. Investigações andinas
Jorge O. Alarcón*

não é só guia metodológica para a descrição da realidade sanitária e social dos povos andinos, como também é o eixo de suas propostas de solução. Nesse sentido, o professor Kuczynski foi além da tarefa habitual de um cientista: descobrir a verdade. Quando se publicou, em 1925, *Estudios sobre geografia médica y patología del Perú*, obra de Sebastián Lorente e de Flores Córdova, comentou José Carlos Mariátegui: «O problema sanitário não pode ser estudado isoladamente. Relaciona-se e se mistura com outros profundos problemas peruanos do terreno sociológico e político. Os males e as doenças da serra e da costa se alimentam principalmente de miséria e de ignorância. O problema, desde que começa a ser estudado, se transforma num problema econômico, social e político. Mas os higienistas autores da *Geografía médica del Perú*, não fizeram essa análise. Para eles o diagnóstico do problema tinha que ser somente médico».

Ao professor Kuczynski coube superar esse conceito. Para isso penetrou nas raízes do problema sanitário do Peru e, como uma consequência lógica das suas observações e explicações, concebeu um plano de ação sanitária, válido ainda hoje. Dessa maneira poderíamos afirmar que além de ser um cientista objetivo, foi também um intelectual comprometido com sua

realidade, ou talvez, o cientista responsável pelo que a sociedade começava a clamar, depois das terríveis contradições da Segunda Guerra Mundial.

Desse ponto de vista, pode-se deduzir que o conceito de medicina social do professor Kuczynski abrangia hoje muitas disciplinas: epidemiologia, demografia, sociologia, antropologia social e saúde pública. Kuczynski estabelece que a finalidade da medicina Social é a «salubridade», que se entende como o máximo bem-estar de que um povo deve gozar e que «não pode ser imposta a um gentio recalcitrante e mal preparado, mas deve ser conquistado por ela...». Por isso diz que no Peru a medicina social está interessada na realidade social e econômica de seus povos que são caracterizados pela diversidade geográfica e cultural.

A hipótese que a saúde tem fatores sociais determinantes não era totalmente aceita na época do professor Kuczynski, não só por motivos ideológicos mas também técnicos. As teorias do século XIX que impulsionaram essa idéia foram opacadas pelos êxitos importantes das explicações microbiológicas das enfermidades de maior incidência na população. O posterior desenvolvimento dos antibióticos e das vacinas levou à convicção de que esse era o caminho para acabar com os flagelos da humanidade. Convencidos disso a maioria

dos cientistas deixou de lado o estudo das condições de vida dos povos.

Se bem que, entre o final do século XIX e meado do século XX, apareceram notáveis estudos sobre as relações entre saúde e sociedade, esses estudos só adquiriram caráter sistemático graças ao desenvolvimento das ciências sociais, especialmente da antropologia. Esta última não só proporcionou novas teorias, mas também importantes meios para o estudo dos processos que caracterizam as populações e seus vínculos com a patologia que as aflige. Consciente desses alcances, o professor Kuczynski reconhece que a extraordinária diversidade do Peru permite que seja um cenário singularmente idóneo para observar as relações entre a saúde e as condições de vida.

Cinquenta anos depois da publicação dos estudos do professor Kuczynski, essa hipótese ganhou atualidade por causa da reparaçãõ de muitas enfermidades e de problemas de saúde vinculados sem dúvida, com a organização social e econômica, as deficiências políticas sanitárias e a própria conduta humana. Eis aqui a vigência dos trabalhos do professor Kuczynski, agora que é, cada vez mais evidente que para melhorar a saúde dos indivíduos é preciso criar sociedades mais saudáveis. ●

* Professor principal. UNMSM Máxime Kuczynski-Godard. *Los Andes peruanos. Ilave-Ichupampa-Lauramarca-Iguain. Investigaciones andinas*. Apresentação de Manuel Burga Díaz. Prólogo de Jorge Alarcón V. Editor académico: Jacobo Alva Mendo. Fondo UNMSM / COFIDE. Lima, 2004. 363 pp. fondoedit@unmsm.edu.pe

SONS DO PERU

NOVALIMA - AFRO (Independente, 2005)

A riquíssima tradição da música afro-peruana começa a respirar novos ares. O coletivo Novalima, na linha do Bajo-fondo Tango Club argentino e do Nopal Beat de Tijuana do México, mistura o panalívio, o landó e outras variedades estilísticas próprias da costa negra do Peru com texturas e bases atualmente inseparáveis da música eletrônica. Em *Afro*, seu segundo disco, Novalima (cujos integrantes estão disseminados pelo mundo, inclusive em Hong Kong) consegue elaborar um som híbrido que pode seduzir tanto os apreciadores da música negra como os que preferem se abandonar à sudorífera dinâmica da eletrônica dirigida às pistas de baile. Ideal para os descobridores de discos de espírito explorador.

MIKI GONZÁLEZ - CRÓNICAS 85-05 (Apu Records, 2005)

No ano passado o veterano González experimentou uma radical mudança estilística, tentando sorte nos terrenos dessa variante da música eletrônica conhecida como *chill out*.

González combinou os devaneios tecno com suas já proverbiais incursões nos sons ancestrais dos Andes peruanos. Se bem o disco em questão, *Café Inkaterra*, obteve ótimas resenhas da



Miki González. Foto: Arquivo Caretas

imprensa peruana, muitos de nos preferimos recordar seu incendiário passado roqueiro, que produziu alguns dos êxitos radiais mais perduráveis das décadas dos oitenta e dos noventa. Essa é uma memorável antologia: aqui estão, por exemplo, clássicos inesquecíveis como «Lola», «Vamos a Tocache» e «Tantas vezes», hits indiscutíveis da primeira explosão do chamado «hisparock» no Peru. Desde seus começos no pop rock até suas correrias pela música afro-peruana e os blues, a carreira de González é tão sinuosa que custa muito encontrar-lhe coerência numa antologia cheia de temas tão diferentes como esta. Inclui, além dos temas

novos, um VCD adicional com o mais seletivo de sua nutrida videografia.

CEMENTERIO CLUB - ¿AUN CREES EN LA MAGIA? (Independente, 2005)

MAR DE COPAS - DE TIERRA (MDC, 2005)

A moda dos discos «desconectados» (leia-se acústicos) continua seduzindo os roqueiros locais. Com empenho e perseverança, Cementerio Club (recente ganhadora de um prêmio MTV latino como «melhor artista novo da zona central») e Mar de Copas (a banda independente que mais vendeu na história do rock peruano) se arranjaram bem para conseguir, engenhosamente, uma grande e devota empilhada de fans. Esses dois discos recolhem, precisamente, o melhor de uma série de apresentações ao vivo nas que buscaram prescindir dos elétricos arrebatos que caracterizam seus já numerosos trabalhos de estúdio. Os discos, que também funcionam como antologias de suas canções mais conhecidas, são desiguais mas coincidem num valor essencial e pouco freqüente nas produções locais: a excepcional qualidade da gravação. No Cementerio Club se destacam a nova versão de «Barco viejo» e o cover de «In Between Days» original da banda britânica The Cure. O disco Mar de Copas, por outro lado, foi editado

simultaneamente com seu primeiro DVD oficial, que inclui o registro audiovisual de um concerto acústico completo e um documentário que narra, com imagens exclusivas, os quase quinze anos de trajetória da banda. Vale.

LESLIE PATTEN Y RODOLFO MUÑOZ - SANDUNGA, CANTAN LOS TAMBORES (Independente, 2005)

Nesse álbum heterogêneo e cheio de novidades, a percussão afro-peruana se confunde com o jazz latino, o som cubano e demais gêneros antilhanos para lograr uma das estréias discográficas mais interessantes dos últimos anos, dentro do contexto geralmente conservador da música tradicional produzida no Peru. Leslie Patten, autora de quase todos os temas do disco, delata um espírito marcadamente aventureiro e muitíssima graça interpretativa, revelando-se como compositora e intérprete das mais inovadoras da última geração (já que tem pouco mais de 20 anos). Esse álbum, trabalho feito em dupla com o multi-instrumentalista peruano residente em Paris, Rodolfo Muñoz, é um exercício vigoroso de ecletismo rítmico que tem um lugar assegurado nos incertos índices da World Music internacional. Vale a pena prestar-lhe atenção. (Raúl Cachay) ●

AGENDA

PERU: CONVIDADO DE HONRA NA FEIRA DO LIVRO DE GUADALAJARA

A Feira Internacional do Livro de Guadalajara, um dos eventos bibliográficos mais importantes do mundo depois da Feira de Frankfurt, esse ano terá como convidado de honra o Peru. A feira da capital de Jalisco permitirá mostrar o melhor da produção bibliográfica nacional, no contexto de um nutrido programa literário, com a participação dos principais escritores peruanos. O Peru realizará, simultaneamente, um programa de representativas manifestações culturais. Para garantir o êxito da apresentação peruana na FIL, o governo criou uma comissão multi-setorial, presidida pelo Ministério de Relações Exteriores e integrada pelo Instituto Nacional de Cultura, a Biblioteca Nacional, Promperú e Prompex. A comissão vem tramitando o valioso apoio de universidades, editoras, meios de comunicação e empresas privadas a fim de conseguir realizar um ambicioso programa, que se publicará no fim do mês de maio. A FIL se realizará do dia 26 de novembro ao dia 4 de dezembro.

PISCO E TEQUILA, CIDADES IRMÃS

As cidades de Pisco e Tequila, berço das bebidas emblemáticas do Peru e do México, assinaram um protocolo de irmandade no dia 15 de fevereiro passado. A manifesta fraternidade entre ambas bebidas fortalece os vínculos ancestrais que unem nossos países e ratifica a necessidade de respeitar as denominações de origem assim como a qualidade e autenticidade de licores nacionais tão apreciados, destilados como bem sabemos da uva e do agave. A cerimônia se realizou pouco depois do dia do «Pisco Sour» que se festeja no Peru no primeiro sábado de fevereiro, antes da Festa da Vindima de Ica, cujas coloridas celebrações se estendem de Pisco a toda a região que produz a legendaria aguardente.

VI FORUM IBERO-AMERICANO DE INOVAÇÃO CITED-IBEROEKA

A sexta versão desse importante fórum se realizará em Lima dos dias 16 a 18 de outubro próximo. Trata-se do encontro mais importante de inovação

na Ibero-América que anualmente reúne mais de 400 empresários. O objeto é gerar um ambiente propício para o intercâmbio de experiências e o diálogo entre empresários e pesquisadores científicos e tecnológicos, que permitam identificar possíveis projetos conjuntos (*joint-ventures*) para o desenvolvimento de produtos e / ou serviços inovadores. Anualmente se registram perto de 60 projetos Iberoeka com um valor aproximado de 40 milhões de dólares.

O tema da reunião em Lima será «Inovações para uma agricultura, pecuária e alimentação mais competitivas». Calcula-se que participarão 200 empresários e pesquisadores estrangeiros e um número similar de parceiros nacionais. Os peruanos residentes no exterior, que tenham empresas formalmente constituídas nos países onde residam, podem se incorporar aos projetos de inovação Iberoeka e participar também da reunião em Lima. Para mais informação dirigir-se ao Consejo Nacional de Ciencia e Tecnología en el Perú, CONCYTEC, Oficina de Innovación y Prospectiva Tecnológica. Atenção: Ing. Fernando Ortega. Telefone: 225-1150 Anexo 150, e-mail fortega@concytec.gob.pe ●

CHASQUI

O Correio do Peru
Boletim Cultural

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES

Subsecretaria de Política Cultural Exterior
Jr. Ucayali 337 - Lima, Peru.
Telefone: (511) 311-2761 Fax: (511) 311-2762
E-mail: postmaster@rree.gob.pe
Web: www.rree.gob.pe

Os artigos são responsabilidade dos autores. Este boletim é distribuído gratuitamente pelas Missões do Peru no exterior.

Tradução:
Angela Peltier de Maldonado

Impressão:

DIRETORIA EMPRESARIAL

PROMPERU

Comissão de Promoção do Peru
Calle Oeste No. 50 - Lima 27
Telefone: (511) 224-3279
Fax: (511) 224-7134
E-mail: postmaster@rree.gob.pe
Web: www.rree.gob.pe

PROINVERSIÓN

Agência de Promoção da Inversão
Paseo da República No. 3361
piso 9 - Lima 27
Telefone: (511) 612-1200
Fax: (511) 221-2941
Web: www.proinversion.gob.pe

ADEX

Associação de Exportadores
Av. Javier Prado Este No. 2875 - Lima 27
Telefone: (511) 346-2530
Fax: (511) 346-1879
E-mail: postmaster@adexperu.org.pe
Web: www.adexperu.org.pe

CANATUR

Câmara Nacional de Indústria e Turismo
Jr. Alcanfores No. 1245 - Lima 18
Telefone: (511) 445-251
Fax: (511) 445-1052
E-mail: canatur@ccion.com.pe

NISSAN

A CULTURA MUDA O FUTURO

Maquinarias

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM PERU

PETRO PERU

AO SERVIÇO DA CULTURA

CONCERTO MESTIÇO

AS CATEDRAIS DE PUNO

Um impecável volume* a cargo do reconhecido especialista Antonio San Cristóbal –sacerdote espanhol residente em nosso país há muito tempo– rende minuciosa conta de um dos tesouros do planalto punenho: a singular arquitetura religiosa de seus templos mais importantes do período do vice-reinado. Aqui, fragmentos do difícil, doloroso mas esplêndido encontro das sensibilidades andinas e ocidentais.

O conhecimento integral e completo dos frontispícios lavrados durante o vice-reinado na ampla região de Puno devem abarcar todas as implicações concernentes. É preciso, porém, analisar a composição arquitetônica, estilística e decorativa própria deles. E não seria exaustivo o conhecimento que se limitasse a descrevê-las, sem considerar as interpretações historiográficas que deles fizeram alguns autores.

As análises expostas neste livro dedicado aos portais mencionados no que lhes concerne, derrubaram a validade da tese historiográfica anterior que afirma estar na cidade do vice-reinado o surgimento da escola arquitetônica, que dali se espalharia à zona rural circundante.

Coexistem em diversas igrejas de Puno três grupos de valiosos frontispícios da época do vice-reinado, distribuídos pela região segundo o esquema que denominamos de dispersão. O grupo de portais de Lampa-Ayaviri-Asillo está restrito a uma zona diferente e distante dos demais grupos punenhos e os dois últimos grupos, se sobrepõem na mesma região do Collao, coincidindo às vezes nas mesmas igrejas, como acontece em San Juan de Juli, Santa Cruz de Juli e San Pedro de Zepita.

A visão histórica do pesquisador vê surgir esses grupos de pórticos punenhos em três períodos consecutivos mas intercalados por longas etapas de inatividade criativa. Vamos enquadrá-los desta maneira:

* O período inicial de pórticos renascentistas lavrados nas primeiras décadas do século XVII.

* O período dos portais retábulos barrocos construídos em Lampa-Ayaviri-Asillo na segunda etapa intermediária, entre 1690-1710.

* O terceiro período final dos portais planos lavrados em Juli-Pomata-Zepita durante a segunda metade do século XVIII.

Na sua singularidade são os portais punenhos as manifestações mais notórias da arquitetura lavrada durante esses três períodos. Não obstante formam parte de um conjunto arquitetônico mais complexo que



Catedral de Lampa.



Detalhe da Catedral de Puno.



Fachada principal da Catedral de Ayaviri.

apresenta características peculiares em cada grupo temporal, da seguinte forma:

Em primeiro lugar, a arquitetura renascentista do período inicial levou à região punenha o conjunto integrado

pela planta gótico-isabelina das igrejas, o átrio arqueado circundante do espaço exterior, uma torre de barro alçada quase piramidal –situada numa esquina do grande átrio– e os portais construídos em um único bloco, coroados pelo inevitável frontão triangular.

No segundo período, desligado do renascentista, confluíram nas igrejas de Lampa-Ayaviri-Asillo, junto à planta barroca de cruz latina e cruzeiro de longos braços externos, os campanários de torre gêmeos, erguidos a ambos lados da fachada, enquadrando a grande fachada - retábulo. Veio com eles o desenho da fachada barroca: torres gêmeas - portal retábulo, naves cobertas de abóbadas de meio círculo e o cruzamento coroado por cúpula de meia laranja.

Simultaneamente se difundiram por outras antigas igrejas renascentistas as torres de pedra de vários modelos, colocadas ao lado das arcaicas fachadas renascentistas, mas não formando com elas a grande fachada barroca unitária.

O terceiro grupo regional, cronologicamente tardio se destaca brilhantemente dos frontispícios planos. Junto a eles, algumas igrejas do Collao, retomaram, por reconversão interna, a planta de cruz latina a partir da arcaica gótico-isabelina –como sucedeu em San Pedro de Zepita, San Juan Bautista e Santa Cruz de Juli– e agregaram, acompanhando os pórticos planos da fachada, o campanário de uma só torre que por ficar longe da fachada não contribui a formá-la.

Os habitantes do planalto de Puno possuem uma rica e variada tradição cultural. O conceito religioso da vida foi assimilado pelos habitantes das primeiras reduções vizinhas, desde o começo da evangelização, ao mesmo tempo que tomaram consistência visível nas formas do urbanismo simples e da fortaleza da construção de suas igrejas, que constituem um admirável patrimônio artístico e arquitetônico que é imperativo conservar. ●

Puno: esplendor de la arquitectura virreynal. Textos de Antonio San Cristóbal e fotografías de Daniel Giannoni. Peisa, Lima, 2004. 186 pp. peisa@terra.com

Fotos: Daniel Giannoni